

A CAPITAL ONDE MORA O CONTRASTE

Cristine Gentil
Da equipe do Correio

Morar em Brasília é acostumar-se com o contraste. O rico e o pobre, a classe média e os miseráveis. Nem a arquitetura padronizada nem o estigma de cidade planejada é capaz de evitar o choque.

Um olhar sobre a capital do país é revelador. Com todas as suas peculiaridades, Brasília também é refém da diferença. Mansões do Lago Sul, barracos debaixo da ponte, invasões eclodindo do dia para a noite, alugueis saltitantes.

A última pesquisa de patrimônio da Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), feita em 91 e divulgada no mês passado, evidencia as diferenças sociais. Foram pesquisadas 7.101 famílias do Distrito Federal.

Segundo o levantamento, 82% das famílias com renda até dois salários mínimos (R\$ 224) vivem em pequenas habitações de até 60 metros quadrados. Em contrapartida, 55% das famílias que recebem acima de 25 salários mínimos (R\$ 2,8 mil) vivem em casas com até 180 metros quadrados.

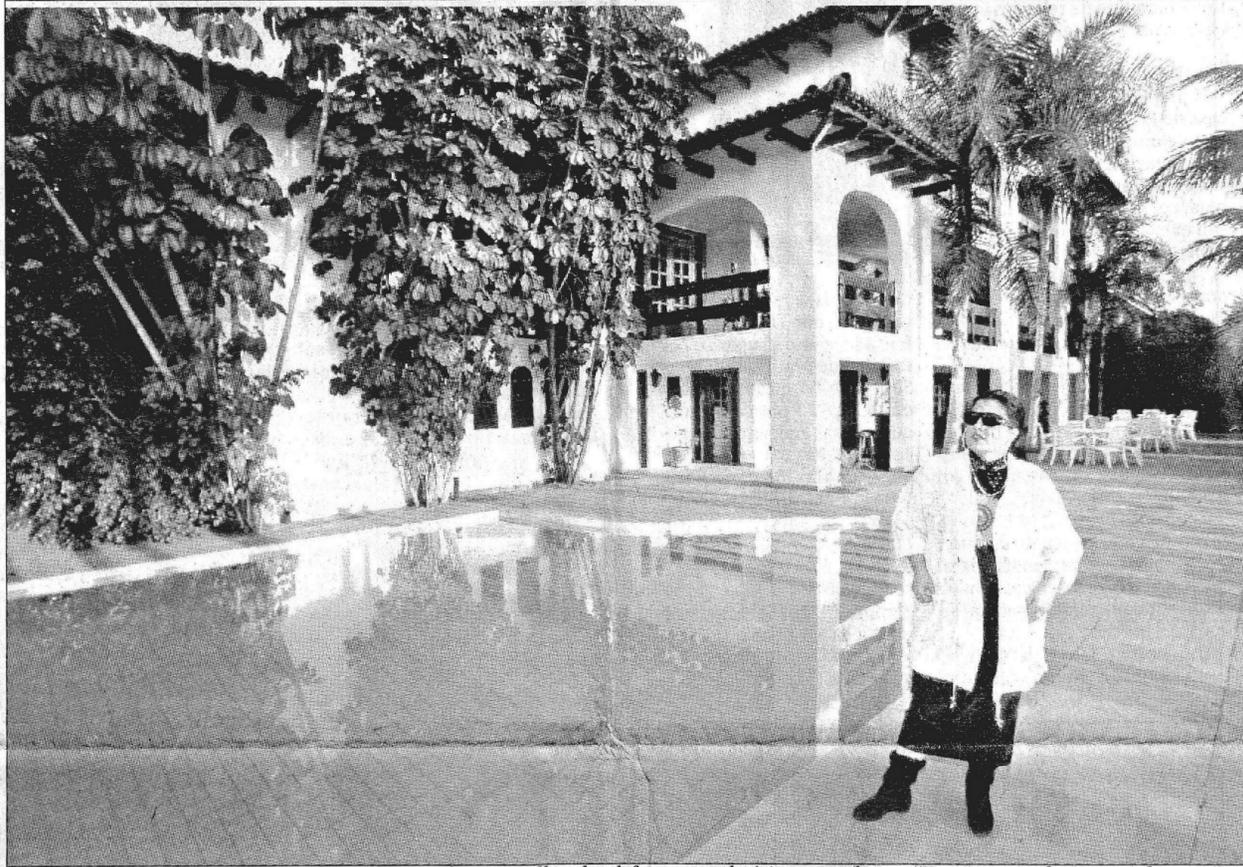
Os dois grupos de renda representam praticamente o mesmo número de famílias no Distrito Federal, cerca de 12%.

Quase 38% das casas de Samambaia e 30% das moradias do Paranoá possuem, no máximo, 30 metros quadrados. Os dados mostram ainda que a maioria das famílias pesquisadas, 53%, moram em residências com dimensões entre 30 e 90 metros quadrados.

PÔR-DO-SOL NA PONTA DE PICOLÉ

Na casa do diplomata aposentado Karl Neumann e de sua mulher Eneida caberiam pelo menos 66 casinhas de 15 metros quadrados iguais a de Maria do Socorro Rosa dos Santos. Ou quatro vezes mais

Carlos Eduardo



Eneida Neumann, em frente à sua mansão com doze aparelhos de telefone, sete televisões e uma boate: "Trouxe o mundo para minha casa"

se forem considerados os quatro mil metros de jardins da mansão.

A mineira Eneida chegou da Alemanha com o marido há 15 anos. Juntos, eles idealizaram a mansão na QL 10 do Lago Sul, com vista para o Lago Paranoá.

"Sempre disse que queria numa ponta de picolé — o terreno é de esquina e vai até o lago. Ver o pôr-do-sol da varanda de minha casa é uma das coisas mais bonitas do mundo", delira Eneida.

Maria do Socorro improvisou sua casa debaixo da ponte do Cór-

rego Bananal, na BR-020, pertinho da Água Mineral. Como outras 92 famílias, chegou de Irecê, no interior da Bahia, há três anos e alojou-se à beira do Córrego do Bananal. É dessa fonte que tira a água para lavar roupa, tomar banho, fazer a comida e matar a sede dela e de seus seis filhos.

Com eles, Maria do Socorro divide o único cômodo da casa. Assim como ela, 5% das famílias pesquisadas pela Codeplan apertam-se em um só cômodo, que serve de quarto, cozinha, sala. Banheiro? "O

que precisamos é de um espacinho para proteger. As necessidades, a gente faz no mata", revela, com naturalidade, Maria do Socorro.

A proteção de Maria e das crianças, que sobrevivem da solidariedade alheia, é a ponte do Bananal. As paredes e o teto da casa improvisada são a estrutura da ponte. O chão é de terra batida, coberto com tapetes achados no lixo. "Tudo que tem aqui é aproveitado do lixo", diz. Maria tem um fogão velho, dois sofás rasgados, um colchão e só.

A única diversão para as crianças com idades entre 1 e 12 anos, além de brincar no córrego, é a televisão emprestada de um vigia. "Quando ele sai, deixa a TV aqui. O que eu mais queria é ter uma dessa para fazer a alegria das crianças", sonha.

UMA CASA COM ESPAÇO ATÉ PARA A SOLIDÃO

Comunicativa e simpática, Eneida Neumann, dona de uma galeria

de arte no Lago Sul, mostra com orgulho a casa que faz a alegria dos amigos, dos dois filhos e das duas netinhas do casal.

São sete televisões, quatro geladeiras, doze aparelhos de telefone, três vídeos e três aparelhagens de som completas, dois fogões, três máquinas de lavar roupas, três freezers e outras tantas paraférricas eletrônicas difíceis até de contar.

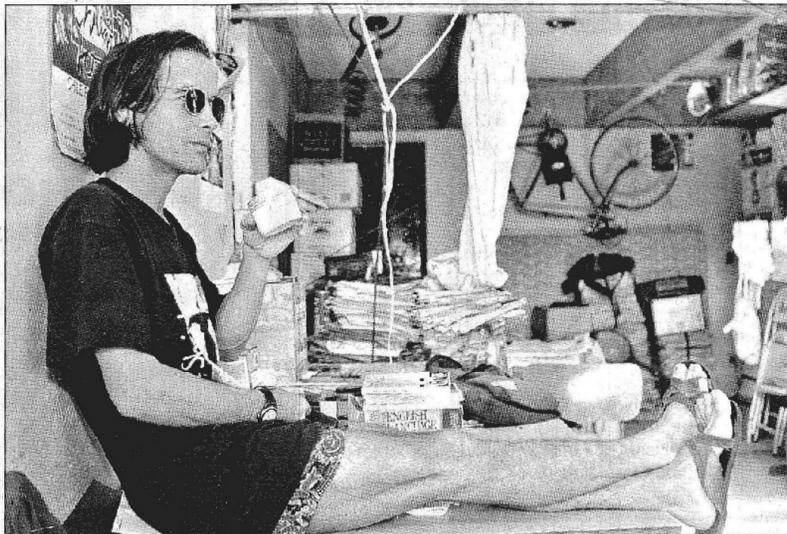
Na mansão de três pavimentos hoje sobra espaço até para a solidão. "Depois que os meus filhos casaram, a casa ficou muito grande. Por isso, reunimos sempre os amigos", confessa a mulher do diplomata alemão.

O térreo da casa, por exemplo, só é usado nos finais de semana. Um imenso salão de jogos, sauna, área de lazer, uma pequena boate com bar, uma cozinha completa, três dependências de empregados. Segundo a pesquisa da Codeplan, apenas 0,89% das residências do Distrito Federal reservam mais de um quarto e de um banheiro para os empregados.

Três salões gigantescos e uma cozinha extra formam o primeiro andar. Os tapetes orientais, as obras de arte e as lembranças dos mais variados locais completam a decoração da casa. "Trouxe um pouco do mundo para minha casa. Nunca me preocupei muito em comprar roupas nas viagens, queria trazer objetos e obras de arte. Hoje tenho ícones do Egito, Índia, México e todos os outros lugares por onde andei", orgulha-se Eneida.

Mas ela não deixa de lado a mineirice. Uma sala de almoço aconchegante está sempre com a mesa farta pronta para receber a família e os amigos. No canto da última sala, um piano Steinway, "o melhor do mundo", segundo Eneida. "Ele tem cem anos e foi trazido da Alemanha Oriental", revela. O segundo andar da casa é reservado para as quatro suítes da família.

Paulo de Araújo



O garçom e estudante de Filosofia Kapeta mora há doze anos no alojamento da UnB

Elas são charmosas, divertidas, únicas. São o traço mais marcante da personalidade de seus donos. Uma casa-biblioteca, um pedacinho de teatro, uma imensa tela, um cantinho da barbárie.

Cassiano Nunes, Plínio Mósca, Shirinsk e Kapeta. O poeta, o diretor de teatro, a artista plástica e o estudante profissional trocaram a tradição pela diferença, o certo pelo duvidoso, o real pelo imaginário.

Fizeram de suas casas um espaço livre, encheram de alma e deixaram brotar o estilo pessoal de cada um. O resultado pode até ser questionável, mas é único.

"É um caos como qualquer pardieiro ou mansão", define Marcos Tadeu Baessa, o garçom Kapeta do badalado Café Martinica (CLN 303) e morador há doze anos de um dos apartamentos do Centro Olímpico da Universidade de Brasília.

Subindo a escada do bloco "A", a primeira sensação é a incômoda igualdade das portas brancas no imenso corredor. Idéia que se desfaz logo ao entrar na casa de Kapeta. Não pode existir nada igual.

Afinal, quem colecionaria jornais velhos, copos quebrados e guardaria 90 caixas de latinhas de cerveja? "Um dia eu decido o que fazer com tudo isso", explica.

Kapeta conta com a cumplicidade de Umberto, Rodrigo e Nei José, todos colegas de universidade. Os quatro dividem o duplex de 63 metros

quadrados, o banheiro apertado, o tabuleiro de xadrez e a desordem generalizada.

E o que acontece quando um jurista decide abrigar em sua casa um diretor de teatro? Para saber a resposta, basta conhecer um pouco da intimidade do teatrólogo Plínio Mósca.

"Ele usa a casa de dia, e eu sou mais notívago", confessa Plínio. Há seis anos, quando fundou sua companhia de teatro, Plínio deu adeus ao apartamento alugado e mudou-se de mala e cuia para a casa do pai, o advogado Hugo Mósca, no conjunto 20 da QI 5 do Lago Sul. Transformou a sala em um pedaço de seu teatro, onde guarda figurinos e lembranças de suas viagens pelo mundo.

A artista plástica Shirinsk resolveu dividir o apartamento de três quartos com cores e formas. Pintou tudo. As paredes, os móveis, os objetos, o teto, o chão, os quartos, os lençóis. Cada metro quadrado abriga uma idéia.

"A pintura é uma forma de expressão, é cheia de significados. Adoro o meu trabalho. Para mim, vida e arte se misturam, são uma coisa só", sintetiza.

O escritor Cassiano Nunes optou por uma companhia diferente. Aos 75 anos, divide com milhares de livros o seu espaço. São dois quartos, um escritório, duas salas, estantes e mais estantes de literatura, filosofia, ficção, ensaios, recortes de jornais e artigos. "Eu adoro a minha casa, me distraio com meus livros, minhas ferramentas de trabalho", define.

A casa do Kapeta é a réplica do inferno para os adeptos da moradia tradicional. Quem atende por esse sugestivo codinome é o estudante de Filosofia e garçom Marcos Tadeu Baessa. Ele é o morador mais antigo do apartamento 115 do bloco "A" do Centro Olímpico (C.O.) da UnB.

Os colegas Umberto, Nei José e Rodrigo dividem a bagunça generalizada do duplex de 63 metros quadrados. Chamam atenção os copos quebrados, uma pilha de jornais velhos, bicicleta

pendurada no teto, uma parede de latinhas de cerveja, teias de aranha, objetos do arco da velha e ícones diversos.

O tabuleiro de xadrez quebra a hegemonia do caos. Perfeito para as madrugadas. Para viver nessa comunidade, só há uma regra: "Não há regras."

Subindo pela escadinha em espiral, o quarto grande é dividido em quatro espaços. Dois repletos da Filosofia, um de Ciência Política e um de Artes Plásticas.

Ronaldo de Oliveira



O escritor Cassiano Nunes não tem televisão, aparelho

A INFINIDADE DE ESTILO

Um inferno sem regras na UnB

O grande refúgio da

Ele vive cercado de filosofia, literatura, estética, poesia, religião, ficção. O escritor Cassiano Nunes, 75 anos, não podia ter melhor companhia.

Divide com milhares de livros a casa número 27, bloco "E", HIGS 711. O que um dia foi um bangalô proletário, uma das primeiras moradias do Plano Piloto, hoje é uma casa-biblioteca, como define Cassiano.

Móveis e eletrodomésticos? Só o essencial. Te-

levisão? da mais r Restar dos de liv azul dá o vros velh lência co da-Unive A casa é a casa d

, qualquer lugar serve de acolhida para 1,8 milhão de habitantes. Até mesmo a rua, endereço de 1.280 brasilienses.

Ronaldo de Oliveira



Maria dos Santos vive com os seis filhos debaixo da ponte do Bananal, próxima à Água Mineral. Ela faz parte de muitos brasilienses que não entram nas estatísticas de moradia da Codeplan: os sem-teto

NÚMEROS OPOSTOS

DISTRITO FEDERAL

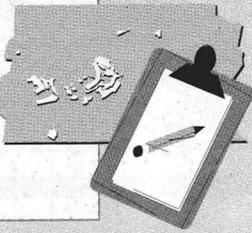
55,74% famílias até 2 SM dormem em um único quarto
59,43% famílias acima 25 SM têm 3 quartos para dormir
50,79% têm imóveis próprios
18,95% moram em imóveis alugados
15,56% moram sob concessão de uso (lotes em assentamentos)

BRASÍLIA

(Plano Piloto, Lagos Sul e Norte)
57,95% possuem mais de um chuveiro elétrico
57,24% possuem mais de uma televisão
60,16% moram em casas de 6 a 10 cômodos
34,22% possuem 3 banheiros

PARANÓÁ

88% das moradias são barracos ou casas de madeira
99,4% das famílias não possuem linha de telefone
93,45% não possuem chuveiro elétrico
33% não possuem geladeira
69% não possuem televisão
21,43% das moradias não possuem banheiro



Fonte: Companhia do Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan), em pesquisa com 7.101 famílias.

OS EXCLUÍDOS PELAS RUAS

Eneida e Maria do Socorro são apenas dois exemplos da população de 1,8 milhão de pessoas que habitam o Distrito Federal. As duas moram na capital, são mulheres, mães e procuram fazer de seus lares o melhor lugar do mundo para a sua família.

"A minha casa é a minha cara, tem alma, respira. Morar bem é sentir-se bem no seu espaço. Procurei fazer a minha casa muito prática e funcional, sem exageros", relata Eneida.

"Faço o possível para manter tudo bem limpinho e ajeitadinho, mas primeiro é preciso ter casa para depois saber o que botar dentro", explica Maria do Socorro, que faz parte de uma realidade que sequer foi retratada na pesquisa de 91: os migrantes e a população de rua do DF.

Dados da Secretaria de Desenvolvimento Social mostram que existem 1.280 pessoas vivendo nas ruas do DF, mais de 900 delas estão

no Plano Piloto.

Basta olhar em volta do buraco escuro, iluminado com vela e lampião, onde Maria e seus seis filhos praticamente se escondem. Cada cantinho tem um pequeno detalhe. Poster de dupla sertaneja na parede, santos de papel, cadeirinhas de plástico para as crianças.

Do outro lado da cidade, outro grupo de excluídos da pesquisa lutam por um pedaço de chão. Bateiram pé e insistem na criação da cidade Estrutural. Com esperança de ver o sonho realizado, Maria de Jesus Silva, 23 anos, mudou-se há um mês para a invasão.

O barraco feito de lona e pedaços de madeira tem apenas uns 10 metros quadrados e é o único abrigo para Maria de Jesus, o marido dela, a mãe e os quatro filhos.

"A única coisa que queremos é um lote para morar. Não podemos pagar aluguel", alega Maria. O fogão é uma lata improvisada, a água é do poço de um barraco vizinho e as necessidades fisiológicas são feitas em um buraco no chão fora do barraco.

O LIMITE DO SONHO DA CASA DA PRÓPRIA

O levantamento de patrimônio da Codeplan mostra que metade da população já possui casa própria.

Mas o sonho de não depender de aluguel (18,95%) ou de imóvel cedido ou funcional (15%) continua povoando o imaginário do brasiliense. Os outros 15% são famílias que receberam permissão do governo para ocupar determinado lote.

"É muito difícil começar a vida em Brasília. Queremos muito juntar dinheiro para comprar um apartamento, mas pagando aluguel não dá. Para viver, dependemos do limite do cheque especial", reclama a dona de casa Alexandra Mariano da Silva, 23 anos.

Alexandra, o marido e os dois filhos pagam R\$ 580 pelo aluguel e condomínio de um apartamento de 60 metros quadrados no Setor Habitacional Lúcio Costa, no Guará. A renda mensal do casal é de R\$ 1,7 mil líquidos, correspondente

ao salário do marido de Alexandra, Carlos André, 24 anos, que é tenente da Polícia Militar.

A família optou por morar na cidade que concentra o maior número de casas próprias, o Guará. "Procuramos durante um mês apartamento no Plano Piloto, mas todos eram apertados demais. Preferimos ter uma qualidade de vida melhor aqui, apesar de ser um pouco mais longe das coisas", lembra Alexandra.

O apartamento foi reformado pelo proprietário, tem três quartos, sala, cozinha, um banheiro e área de serviço. Todos os cômodos são bem amplos.

Há sete meses, Alexandra mora no Setor Lúcio Costa. Antes, morou na casa da mãe. "Enquanto estávamos lá, compramos aos poucos os eletrodomésticos. Temos som, duas televisões, vídeo cassette, microondas e máquina de lavar roupa", enumera.

O presidente da Codeplan, Jorge Haroldo, acha que a aquisição de eletrodomésticos não é mais um diferenciador da renda. "Atualmente, existe uma facilidade maior de comprar. O que faz a diferença em termos de status agora não é mais a aquisição do eletrodoméstico, mas o número de eletrodomésticos que possui", avalia.

DIFICULDADES LONGE DO NÚCLEO

Foi em 1981 que José Edmilson do Nascimento, 35 anos, livrou-se do aluguel. Ganhou um lote do governo, juntou a bagagem, mulher e filho, e saiu do Núcleo Bandeirante para o Paranoá.

Fez o seu barraco com lona e madeirite e viveu nele até 91, quando os moradores tiveram que sair das áreas mais próximas ao Lago Paranoá e ganharam lotes mais afastados.

O barraco ainda era de madeira e a vida continuava difícil. A pesquisa da Codeplan, feita nessa época, mostrou que 88% das moradias do Paranoá são barracos ou casas de madeira, 99,4% não possuem linha de telefone, 93,45% não têm chuveiro elétrico, 21,43% não possuem banheiro, 33% não possuem geladeira e 69% ainda sonha com a televisão colorida.

"Desse tempo para cá, venho juntando dinheiro com dificuldade e comecei a comprar as coisas aos poucos", diz o açougueiro José Edmilson, que dá hoje os últimos retoques de sua casinha de alvenaria.

Com o salário de R\$ 200 e dez anos de esforço, Edmilson conseguiu construir a casa de 32 metros quadrados, distribuídos em três cômodos — um quarto, uma sala e a cozinha —, além do banheiro.

Apesar de todas as dificuldades para conseguir um teto, o açougueiro acredita que dias melhores virão. "Ainda está apertado para mim, minha mulher, a sogra e as duas filhas, mas aos poucos a gente vai se ajeitando."

S ENTRE QUATRO PAREDES



que torna as pessoas "mediocres"

literatura

"Só serve para tornar os medíocres ainda medíocres", desdenha. quatro quartos e duas salas abarrotadas. Na saleta da parte inferior, a parede tom de modernidade. O cheiro dos livros, o ambiente agradável e limpo e o sim-pletam a biblioteca do ex-professor rsidade de Brasília. de dois pavimentos de Cassiano Nunes ele Respira cultura

Raimundo Paccó



A artista plástica Shirinsk mora e trabalha no seu apartamento na SQS 116

O mosaico esotérico de Shirinsk

Fadas, gnomos, símbolos da natureza espalhados pelo teto, calendário asteca na porta da geladeira, onças pintadas pelas paredes. O cheiro de incenso completa o cenário místico criado pela artista plástica Shirinsk. Quem entra no mundo dela tem a sensação de estar mergulhando numa imensa tela. É chocante, no sentido literal da palavra.

De repente o teto da cozinha à cozinha

não existe um único local nem objeto do apartamento de três quartos no bloco "E" da SQS 116 que não seja pintado com as formas, as cores e o estilo de Shirinsk.

Ali, ela vive e trabalha. "Já tentei separar a casa do ateliê, mas nunca voltava para casa", explica. Além da pintura, a decoração do apartamento se completa com troncos de árvores e objetos antigos, todos pintados ou bordados com pedras semipreciosas.

Ronaldo de Oliveira



O diretor Plínio Mósca vive entre figurinos e coleções de objetos do mundo inteiro

Um espetáculo de teatro em casa

O diretor de teatro Plínio Mósca não conseguiria mesmo viver entre os livros do pai, o jurista Hugo Mósca. "Já pensou a monotonia de viver anos e anos tirando e colocando os livros no mesmo lugar?", questiona-se o teatrólogo.

Transformou a sala da casa de 400 metros quadrados, no Lago Sul, em um pedacinho de seu teatro. Mais de cem figurinos decoram a sala, onde Plínio já encenou uma de suas peças. A estante de vidro virou uma imensa vitrine

De Goiás a Bagdá, Plínio coleciona tudo. Máscaras das Cavalhadas de Pirenópolis e até um colar que os beduínos usam para atravessar o deserto.

Nas paredes, o primeiro bilhete impresso da companhia de 88, uma infinidade de pôsteres e até uma ilustração da casa do célebre autor de Romeu e Julieta, o inglês William Shakespeare. Do pai, restaram as pratarias, os tapetes e os móveis em estilo colonial